

✱ / * / (>) «+» [3] / * / («) -|- «+» [3] / * / -|- «+» /- /

FESTAS DO JUAZEIRO NO VENCIMENTO DA GUERRA





Leandro Gomes de Barros

FESTAS do JUAZEIRO
NO VENCIMENTO da
GUERRA

Nove centos e quatorze
Num bello dia de Abril,
Entrava no Juazeiro
O batalhão varonil
Que deixava o Ceará
Livre da guerra civil
Entravam os libertadores,
Do padre Cicero Romão
Tudo de chapéo armado
E carabina na mão,
O padre a porta do templo,
Recebeu-os com um sermão.
Disendo nossa senhora
Lance seu divino manto,
Sobre aquelle que deixou
Sua familia num canto,
Foi a guerra e defendeu
O dever mais justo e santo.

— 3 —

Via-se no Juazeiro
A mais sublime alegria
A cidade embandeirada
Tudo alli em harmonia,
Era um prazer sem limite,
Que a população sentia.

Na vespera daquelle dia,
Que o povo tinha certeza
Que o governador já tinha
Entregado a fortaleza.
Todas as ruas da cidade
Se transformaram em beleza.

Crianças de um anno ou dois
Que inda não fallam bem
Batiam palmas disendo,
Meu padrinho amanhã vem
Os outros maiorisinhos,
Pulavam disendo amem

Porque no dia seguinte
Tudo ancioso esperava
O povo do padre Cicero
Que da batalha chegava.
A bandeira da victoria,
Nos ares já flutuava.

Uma é vêr outra é contar,
O que houve em Joazeiro
Só o dr. Santa Cruz
Quando entrou livre em Monteiro
Que os fuguetes pareciam
Tempestade de Janeiro

A fumaça dos foguetes
Deixavam as parêde pretas
Tocavam cinco ou seis musicas
Quarenta e tantas cornêtas
Velhas cantavam bemdictos,,
Moças, modas e cançonetas.

Quando o batalhão entrou
O lugar não coube gente
O padre Cicero seguia
Com a bandeira na frente
Rendendo no meio da rua
Graças ao Honiponte.

Viva! o dr. Floro Berto!
O pôvo em geral gritava
Coronel Pedro Silvino
Um dos fortes que alli estava,
José Borba e Aurelio Lavio
Com quem tudo alli se achava,

Um dos que meteu o peito
Mostrou coragem crescida
Não olhava para o sangue,
Sahindo de uma ferida
Gritava aos seus companheiros
Ou a victoria ou a vida

Se hei de perder a victoria
Antes ficar aqui morto,
Podendo botem meus ossos,
Na grande igrêja do horto
Que ella em vida é meu navio
Quando eu morrer é meu porto

Disse dr. Floro Berto
Quando a tribuna subiu
Senhores o padre Cicero,
Graças a Deus conseguiu
Livrar-se de um inimigo
Que a elle mais perseguiu

Eu venho em nome d'elie
Dar os agradecimentos,
Aquelles que não torceram,
A cara aos grandes tormentos
Soffreram fome na guerra.
Chuva sol e ferimentos.

Deixando para seus filhos,
Um grande exemplo mais tarde
Dando a conhecer ao mundo
Que é crime sêr cobarde
O homem de sentimento,
Morre pela liberdade.

Nosso bom velho pastor
O padre Cicero Rumão
Viu que só nos libertava
Se metesse alli a mão
Embora que fosse crime
Irmão matar a irmão.

Porém era necessario
Encerrar o pricipicio,
A morte do desordeiro,
Para o manço é beneficio,
Caridade e amor ao proximo
Isso elle tem como officio

O pastor é bom e justo
Mais o que havia fazer?
Esgotou todos os meios
Mais nada poude obter,
Quem por causa de uma ovelha
Deixa um rebanho se perder?

Por isso o padre pediu
Que o pôvo o ajudasse
Porque o estado em peso
Pedia que o libertasse,
E elle acudia o pôvo
Embora que se arriscasse.

Todos quanto tinham crença,
Vinheram se offerecer
Partiram todos por gosto
Não temiam de morrer
Até que por fim de conta,
Podemos sempre vencer.

Alli em numeros estampidos
Emchiam serra por serra
O pôvo gritava viva!
O libertador da terra
Viva! viva! o padre Cicero
Que terminou toda guerra.

Depois que o padre Cicero,
Fallou a população
Disse meus irmãos queridos,
Filhos de meu coração,
Perdoa aos teus inimigos
A grande persiguição.

Rogai a Deus pelas almas
Dos que no campo morreram
Que obrigados pelos homens
As suas vidas perderam
Foram os pobres plantadores,
Que plantaram e não colheram

Era bello vêr alli
Aquella grande alegria
Um viva entusiasmado
De cada casa sahia
Pombos, e as rolas nos ares
Escutavam a melodia.

Era um festim nunca visto
Nos templos dobravam sinos
A musica em paciata
Tocando dobrado e hymnos,
Dansavam todas as classes
Moços, velhos, e meninos.

Tudo mostrava alegria
Tudo se regosijava
Os telegrammas de lonje
Um após outro chegava
Meus parabens meu padrinho
Todo o mundo alegre dava.

Chegava um dalli mesmo
Ou de um estado visinho,
Se aproximava do padre
O rico e o pobrisinho
Disendo muito contente,
Meus parabens meu padrinho.

Porém o padre disia
Eu não fui o vencedor
Quem venceu toda questão,
Foi o nosso Creador,
Por mim eu nunca vencia,
Sendo um pobre peccador

Foi um facto nunca visto
Quando a força appareceu,
Um viva em toda cidade
Naquella hora se ergueu
Tudo de uma vez gritou
Hoje o Ceará nasceu!

Graças a Deus que o socorro
Não deixou para vir tarde
Deus nos mandou em defeza
O defençor da verdade,
O padre Cicero que abriu
As portas da liberdade.

Disse o padre o povo salva-se
Se eu alli meter a mão
Embora que Deus não mande
Alguem matar seu irmão
Mais se meu povo matar
Não foi por conviquição

Os felises devem ouvirem.
O grito do desgraçado,
Socorrer ao seu irmão
Quando o ver desamparado
Como Moysés escudou
O Egypto escravizado.

Por isso foi que tentei
Defender o Ciará
Porque vi que era horror
O clamor que havia lá
Senti o braço de Deus
Transmetir-me força cá.

Disse ao povo que partisse
Com Deus e Nossa Senhora
Dez mil homens tudo armado
Se juntaram em meia hora
Eu abençoei a todos
E disse podem irem embora

Um estrondo sem limite
Naquella hora se ouviu
Um orador na tribuna
Um discurso proferiu
Desendo as portas da vida
O padre Cicero abriu

E disse a humanidade
Entrai, isso aqui é nosso
O mundo pertence a Deus
Não é meu nem será vosso
So Deus poderá diser
Eu fasso disfasso e posso

Todos somos moradores
Deus não vendeu a ninguem
Se o rico tiver direito
O pobre terá tambem
O direito de um monarchia
Um soldado raso tem

Consultei a consciencia
O que devia faser
A consciencia ditoume
Que eu havia de romper
Deus me daria coragem
E me ajudava a vencer

Não matem sem precisão
Ninguen furte, a ordem é esta
Defender nossos irmãos
É o dever que no resta
O povo marchou sorrindo
Como se fosse a uma festa.

E lá foram dez mil homens
Que ficarão na historia
Muitos perderam a vida
Outros tiveram a gloria
De traserem ao Joaseiro
A bandeira da victoria

Daqui a dusentos annos
Quem nesse tempo existir
Quando ler esta revolta
Ha de chorar e sorrir
Ver como uma arvore pequena
Fez uma grande cair.

Ver como um povo se ergue
Sem ter o minimo estudo
De armas tinha a rasão
Que lhe servia de escudo
Diser no campo da guerra
Ou se vence ou morre tudo

Como gritou José Borba,
Coragem meus companheiros,
A guerra é a sepultura,
Para os soldados guerreiros,
A liberdade é herança
Que fica aos nossos herdeiros.

Nossos pais nasceram livres
Nós somos livres tambem
E o brasileiro livre,
Não se sujeita a alguém,
Dar em prol da liberdade,
Todo sangue quanto tem .

David foi um homem justo
Gulias era um malvado,
Guerriou contra Saúl,
Para o deixar distronado
Distronava-o se David,
Não matase-o apedrejado.

E Deus sabe se o que fiz
Foi porque fosse assacino
Se foi por minha paixão
Ou por cumprir o destino,
Isso quem pode saber,
É nosso juiz divino.

Quando elle terminou
Vinte jirandulas soltaram
Com a fumaça dos fogos,
Os passarinhos pararam
Quasi que fica tudo rouco
Com tanto viva que davam

Chegava alli telegrammas
De todo o estado que havia
Do Rio grande do Sul
De S. Paulo e da Bahia,
Felicitações por carta
Chegava alli todo o dia.

Veio postaz de Mato Grosso,
E cartões de Paraná
Até Sta. Catharina,
Mandou parabens de lá,
Chegavam ricos presentes
De Manãos e do Pará.

Chegou alli telegrammas
Até de Minas Geraz
Vinha felicitações
Do estado de Goiaz
Pernambuco e Alagoas
Esses foram parciaz

Pessoa de lá contou-me
Um sonho que teve um minino
Que podia ter 3 annos,
Era muito pequenino,
Só podia ser aquillo
Inspiração do divino.

Ninguem ainda sonhava
Com guerra no Ceará
Nem com o governador.
Que havia de ir para lá
O padre Cicero vivia,
Na paz com seu povo cá

Essa criança sonhou,
Que via um passaro chegar
E a igreja do horto
Se abria mandava-o entrar
O padre Cicero vinha,
Com esse passaro fallar.

O passaro era muito grande
Era quasi cor da terra
Tinha o pescoço da altura
Do pinaculo de uma serra
Então trazia nas unhas
Toda munção de guerra.

Então o passaro contava,
Ao padre Cicero uma historia,
A criança só ouviu,
O passaro fallar na gloria,
Deu-lhe um pano, e disse : pegue
A bandeira da victoria.

Isso contaram-me aqui,
Se è exajêro não sei,
Só firmo de minha parte
Que não fui quem levantei
Quem me contou foi um velho
Por isso eu acreditei.

Perante 5 pessoas,
O dicto velho jurou,
Que o pai daquela criança,
Por trez vezes lhe contou,
Esse menino morreu
Depois que a revolta entrou.

FIM

6086

AGENTES.

Parahyba (Capital)—F. C. Baptista
& Irmão.

Em Rio Branco—Manuel Vianna

Em Manaus—Benjamin Cardozo

Em Caruarú—João de Barros.

Em Pesqueira—José Liberal.

Em Sta Luzia (Parahyba)—José Nu
nes de Figueirêdo

Em nossa biblioteca particular,
encontra-se vinte e tantas qualida-
des de folhetos deste autor,

Remete-se pelo correio median-
te a importancia, qualquer quantida-
de para qualquer Estado.

O autor reserva o direito de
propriedade.

—Rua do Alecrim nº 34 Recife

(LGE)